

A S. D. P. *Alvaro de Carvalho* annuncia para domingo uma recita com o applaudido drama de Quintino Bocayuva — *Mineiros da desgraça*.

Convitativo como é o programma, e attendendo ás sympathias de que, bem merecidamente, goza a *Alvaro de Carvalho*, é de esperar que o theatro Santa Izabel, na noite do dia acima, se encha de tudo o que ha de mais *pschutt* na nossa sociedade.

—Sempre e...sempre—

Sempre se amando, sempre se querendo
(OLIVEIRA PAIVA)

A M. B. Augusto Varella

De longe ou perto, juntas, separadas, olhando sempre os mesmos horisontes, presas, unidas nossas duas fronteiras gemas, ardentes, novas, inspiradas; vendo cair as lagrimas prateadas, sentindo o côro harmonico das fontes, sempre fitando a -cuspide- dos montes e o rosicler das frescas alvoradas.

Sempre embebendo os limpidos olhares na claridão dos humidos lares, no loiro sol das creanças se embebendo, vão nossas almas brancas e floridas pelo futuro azul das nossas vidas, sempre se amando, sempre se querendo.

Cruz e Souza

(Cambiantes)

AS LARANJAS EM FRANÇA

Ha 50 annos que a França recebia 7.850.000 kilogrammas de laranjas, sendo pelo porto de Marselha 2.300.000. Era a Hespanha que, quasi exclusivamente, proviã a França deste genero de fructa. Mas o consumo que os parizienses faziam das laranjas augmentou por tal modo que em 1856 a importação elevou-se a 16 milhões de kilogrammas

relativamente a toda a França, e em 1866 a 26 milhões de kilogrammas. No anno passado, a importação subio a 55 milhões, provenientes de Hespanha 46 e o resto de Argelia, Italia e de outros paizes.

O paquete *Rio Negro*, que, até o dia 13 do corrente, deve aqui chegar procedente do sul, tocará na sua viagem para o Rio, nos portos de Itajahy e S. Francisco, visto que o *Humaytá* fôra dispensado de fazer a segunda viagem deste mez ao norte da provincia.

O coração e as lagrimas

Não intento reformar a anatomia vulgar, extremando umas glandulas lacrimaes nobres, de outras lacrimaes infimas. Considero, porém, que ha um chorar aviltador, e outro chorar nobilitante. Que de inverosimil a diversidade da origem dos prantos! As lagrimas da mãe, que aperta ao seio a frialdade de um filhinho morto, correm da mesma glandula que as dá, na raiva do orgulho ferido dessa mulher? Diz a physiologia que sim. Curva-se a razão á physiologia.

Que escura e triste cousa é a sciencia!

Abramos o nosso Nysten, edição de 1858, pag. 700: *Chamam-se lagrimas um humor excrementicio...*

Humor excrementicio! Santo Deus...

Continuemos... «que lubrifica o globo do olho e lhe facilita o mover-se na orbita!»

As lagrimas enverdecem o xa-

rope de violeta e evaporadas são crystaes de chlorureto de sodium, encrustados de mucus e tambem encerram phosphato de crystal e de soda.

Ora aqui está!

Diz um homem na sua melhor boa fé, á mulher que ama:

—Choro! Vê nesta lagrimas a minha alma e condõe-te!

Se a mulher tem, por infausto acerto, o Nysten ou outro que tal expositor de verdades cruas, responde-lhe:

—O que tu choras, homem, não é alma, é humor excrementicio, é chlorureto de sodium... isto é de matar a paixão e secar as glandulas nobres e as infimas.

Moralistas! Dai um compendio de sciencias naturaes para uso dos collegios de meninas. Defini a lagrima! Defini o coração! Ilustra o compendio! Pintae-lhe esse musculo ôco e feio; que ellas enfiarão de horror, vendo-se amadas em nome de tal entranha.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

COUSAS DE PORTUGAL

O ZAIRE

Uf! Como eu estou cansada de ouvir fallar no Zaire! Se nós por alguns minutos deixassemos de fallar no Zaire! Se o Zaire nos deixasse por instantes em socego! Por «Boma e Landana» (nova praga muito apreciada pelos «Zairistas enragés») o Zaire é bom, não duvido; mas Zaire ao almoço, Zaire ao jantar, Zaire em todas as jornaes, Zaire nas camaras, Zaire nas anecdotes, Zaire nas «reunioes de familias», entre o piano e o «crochet», Zaire nas boticas, Zaire á porta da Havaneza, Zaire nas lojas

de modas, Zaire no idyllio dos namorados, Zaire nas questões dos esposos, é Zaire em grau que chega a deixar exhausta uma pessoa! Pelo Coango e Massabi! Quanto eu dera por não ouvir mais fallar no Zaire!

Demais aconteceu-me um desastre, que aqui muito em confidencia eu vou contar á leitora.

Não o divulgues. Seria um descredito, e para descredito já basta o ser... «blas bleu»!...

Eu não acreditava na existencia do Zaire! Sim! leitora amiga, a verdade é esta, eu não acreditava «n'elle!»

Lembra-me a este proposito o personagem d'um lindo romance de Cherbuliez, no tempo em que Cherbuliez fazia romances lindos.

Fallando das illusões e devaneios da sua mocidade, que já ia longe, elle dizia melancolica e saudosamente: «Tinha eu então a ideia fixa de refugiar-me n'uma ilha deserta. «Nesse tempo eu acreditava em ilhas!»

De feito se acreditar em ilhas é uma inferioridade intellectual, acreditar no Zaire parecia-me a mim que não o era menor!

E ao principio quando comecei por ahi a ouvir fallar no Zaire, encolhia os hombros, sorrindo-me maliciosa e sonsamente, e murmurava de mim para commigo:

—Coitados!... Que ingenuos que elles são! que boas pessoas!... Então?... Não acreditam elles no Zaire?!

Eis—ó ironia suprema das cousas!—que um sujeito, que pelos modos habita para as bandas do Zaire, do dito, do que aos olhos da minha razão não existia, se lembra de escrever-me e de mandar-me—adivinhem o que?

Uma collecção de photographias das margens do Zaire, dos idolos que ha no Zaire, dos pretos que ha no Zaire, das casas que ha perto do Zaire, das feitorias que dependem dos territorios do Zaire...

FOFETIM 110

XAVIER DE MONTÉPIN

S. ALTEZA O AMOR

DRAMA PARIZIENSE

SEGUNDA PARTE

III

—A's vezes chega de improviso, e, se tal acontecesse, estariamos separados para sempre... Vá, tenho medo...

—Bem, eu vou; mas, ao menos, digame quando nos tornaremos a ver.

—Nós nos vemos todos os dias.

—Sim, encontramos-nos... mas não podemos trocar uma unica palavra; e de hoje em diante eu não terei mais forças para esperar um acaso.

—Vá, respito Clara.

Pedro, que tinha nas suas a mão da moça, tentou abraçá-la; porém ella defendeu-se.

—Não, não, disse recuando, já lhe disse que tenho medo; vá, vá embora...

Empurrou delicadamente Pedro, e fechou a porta logo que elle sahiu.

Obediente como todos os apaixonados,

Pedro voltou para os seus aposentos.

Clara ficou a ouvir os seus passos na escada, e quando sentio abrir-se e fechar-se a porta do quarto andar voltou para sala de jantar, onde, alquebrada de emoção, deixou-se cair n'uma cadeira.

—Sim, sim, amo-o, murmurou.

A pobre moça acabava de dar o primeiro passo n'uma estrada funesta.

Bastava ter dito ao pai um palavra para salvar-se; porém esta ella negou-se a proferir.

No entanto era honesta, absolutamente honesta, porém tinha medo da frieza habitual de Daniel Guillet.

Elle condemnaria o seu amor, pensava Clara; leva-a-hia para bem longe da casa em que moravam; prohibir-lhe-hia ver Pedro.

Ora, tudo parecia a Clara melhor do que semelhante separação; e, portanto calou-se.

Os dois amantes continuaram a ver-se o maior numero de vezes que podiam, e de passagem trocavam olhares, palavras furtivas, apertos de mão...

Durante dois mezes as suas relações pmitiram-se a essas entrevistas rapidas e platonicas.

Nunca tiveram ensejo de se ver uma só vez e poder permutar pensamentos e protestos.

Houve uma circumstancia que os impedio.

Daniel Guillet foi pela prefeitura de policia encarregado de um trabalho importante de estatistica, e por isso sahia pouco de casa, e mesmo assim não entrava a horas certas, com grande desgostos de Pedro Carnot e da propria Clara, cujo amor augmentava na razão directa dos obstaculos.

Daniel, como já dissemos, adorava a filha, apesar de tratá-la sempre com uma severidade superficial.

Percebeu perfeitamente que a moça passava por uma modificação.

Via-a algumas vezes preocupada e triste e outras vezes alegre e travessa, mas sem causa.

O velho agente de policia era mais habil em seguir a pista d'um scelerado do que em sondar o coração de uma moça.

Interrogou-a desageitadamente.

Clara estava prevenida: dissimulou; Daniel Guillet não teve esclarecimento nenhum e attribuiu a um temperamento fantastico e precoce a intermittença de sombra de luz da sua loura filha.

Mordido profundamente e pela primeira vez pelo amor, Pedro passava da febre ao delirio.

A principio fallára-lhe o coração; agora fallavam-lhe os sentidos com energia furiosa.

A juventude e a belleza de Clara inflamavam-no; e, para esse corrupto, a candura e a virgindade, que a principio o intimidavam, lançavam-lhe agora petroleo ao fogo.

A paixão mudára-lhe de forma. As aspirações immateriaes desfaziam-se dando lugar aos desejos imperiosos de realidades sensaes. O platonismo certo dispuzera de maior paciencia.

O debochado, porém, anciava pela hora com uma impaciencia fogosa.

No fim de dois mezes Daniel Guillet concluiu o trabalho, e no dia em que o foi levar á prefeitura voltou com uma physionomia carregada.

Clara reparou nas nuvens accumuladas no semblante do pai e inquietou-se.

Pensou que era talvez devido a alguma denuncia ou indicio do seu amor por Pedro Carnot.

A incerteza é o peor de todos os supplicios, e, para fugir d'elle, a moça, arriscando-se a fazer desabar a tempestade, interrogou o pai.

—Porque estás assim tão triste, meu pai? perguntou ella beijando-o. Estás aborrecido com alguma cousa?

—E' verdade, respondeu o agente, e estou triste por tua causa...

Estas palavras duplicaram o receio de Clara.